

RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

O TEXTO DRAMÁTICO COMO FONTE DE DADOS PARA A SOCIO- HISTÓRIA DA LÍNGUA: UM OLHAR PARA AS PEÇAS TEATRAIS DE AUTORES ALAGOANOS

Aldo Matheus (aldo.matheus@arapiraca.ufal.br)

Sabe-se que antes de tornar-se uma variante do pronome nós de 1PP, a variante a gente passou por um processo de mudança linguística (Lopes, 2002, 2004). Em consonância a isso, destaca-se que ainda são poucas as pesquisas com o viés diacrônico de modo a versar sobre a implementação da variante a gente na classe dos pronomes pessoais de caso reto (“A gente mora em Maceió” versus “Nós moramos em Maceió”). Nesse sentido, os estudos que analisam a inserção da variante inovadora a gente no quadro de pronomes, sob perspectiva diacrônica, concentram-se na região sul do Brasil, como o de Borges (2019). Assim, percebe-se a necessidade de análises do fenômeno em pauta nas demais regiões do país, mais especificamente em Alagoas (AL), no Nordeste, visando à observância de como o processo de pronominalização do pronome a gente aconteceu nesse estado. Feitas essas considerações, menciona-se que a pesquisa em andamento tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica em Sociolinguística Histórica (SH) a partir de uma amostra composta, até o momento, de 62 peças teatrais de autores alagoanos

(nascidos e que produziram peças em AL), focalizando-se a implementação da variante a gente na classe dos pronomes pessoais de caso reto, através da variação nós e a gente. O recorte temporal para coleta dos documentos foi a partir do século XIX – especificamente ao ano de 1817 – por dois motivos: 1) o primeiro deles refere-se à própria formação histórica de AL, tendo em vista que somente a partir do ano de 1817 o estado gozou de emancipação política. Assim, aventa-se ratificar que apenas a partir desse período tem-se, de fato, uma variedade alagoana. O segundo, no entanto, diz respeito ao fato de os documentos anteriores ao século XIX se encontrarem sob o domínio pernambucano, haja vista que AL era capitania de Pernambuco antes de sua emancipação. Além disso, para alcançar o objetivo proposto, recorre-se à SH (Romaine, 2009[1982]; Conde Silvestre, 2007) e à Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]), (Labov, 2008[1972]). Diante do exposto, destaca-se que esse estudo justifica-se como relevante, portanto, por três motivos: a) pela sua contribuição aos estudos sociolinguísticos brasileiros em relação ao mapeamento e à descrição da variedade alagoana, tendo em vista a escassez de estudos divulgados que abordem o comportamento linguístico de falantes alagoanos em décadas anteriores a 1980 – ano em que foram registradas as primeiras pesquisas sociolinguísticas alagoanas; b) pelo seu pioneirismo no que tange à sistematização de um primeiro estudo com peças teatrais em AL, tomando por base a SH; e c) pela contribuição na reconstrução da história social do português e na renovação dos estudos históricos (diacrônicos) no Brasil (Tarallo, 1983, 1985; Kato; Roberts, 1993; Mattos e Silva, 2001, 2004; Faraco, 2016).

Palavras-chave: perspectiva diacrônica; nós e a gente; peças teatrais; variedade alagoana; sociolinguística histórica.